

# A democracia portuguesa está consolidada? Sim, mas...

**P** [publico.pt/2022/03/23/politica/noticia/democracia-portuguesa-consolidada-sim-1999941](https://publico.pt/2022/03/23/politica/noticia/democracia-portuguesa-consolidada-sim-1999941)

Sim, há eleições desde 25 de Abril de 1975, quando foram eleitos os primeiros deputados para a Assembleia Constituinte. Mas se os 50 são os novos 30, como se diz piedosamente por aí, então a democracia portuguesa ainda está longe da idade madura. A opinião é partilhada, por diferentes motivos, pelos sociólogos António Barreto e Elísio Estanque e pelo historiador nascido depois do 25 de Abril Miguel Cardina.

Ana Sá Lopes

23 de Março de 2022, 23:32



Soldado do Movimento das Forças Armadas nas ruas de Lisboa, três depois do 25 de Abril de 1974  
Getty

“A democracia está formalmente consolidada, mas ainda falta olear muita coisa. E estamos cada vez mais vulneráveis àquilo que é a cultura instalada nos partidos de poder”, diz ao PÚBLICO Elísio Estanque. Para António Barreto, “a democracia não está consolidada por falta de instituições”: “A principal carência é de instituições democráticas, culturais, políticas, sindicais, empresariais. O que temos é pouco, geralmente muito dependente do Estado. Não há instituições, há improvisos”. Barreto ironiza: “A democracia portuguesa tem poucas horas de voo. Não se compara com a Dinamarca ou a Inglaterra.”

Miguel Cardina defende que a sociedade continua muito marcada pela desigualdade e “a desigualdade é uma ameaça à democracia”. “A ideia de que a democracia não é para todos de maneira igual e que há bolsas de privilégio pode corroer a democracia.” Cardina diz

que as falhas da democracia conduzem ao crescimento dos populismos, “como se viu nas legislativas em Portugal” com a subida de votação do partido de extrema-direita, o Chega.

## “O chefe manda”

---

O respeitinho é muito bonito. Esta frase ancestral da sociedade portuguesa, que está associada a uma certa submissão a quem detém o poder, qualquer poder, ainda hoje é misteriosamente actual. Elísio Estanque afirma que “depois da euforia” dos anos seguintes ao 25 de Abril, “começa a vir ao de cima a tendência mais passiva dos portugueses em que largas camadas da população aceitam com alguma resignação a tutela, o poder do mais forte, do patrão, do chefe”. E isso é uma “distorção”, se “entendermos que a democracia é para se fazer sentir em todas as esferas da vida social”, em que haja “regras estabelecidas”.



Foto

Cozinha Económica, ou "sopa dos pobres", na  
Ribeira Nova, em Lisboa, em 1926 Fototeca do  
Palácio Foz

Elísio Estanque dá o exemplo da Alemanha, onde está institucionalizado e é incentivado “o diálogo dentro das empresas, a concertação”. “Há uma pressão para o envolvimento de todos, o que permite ir contra a imposição do pensamento único.”

António Barreto afirma que em Portugal “o patronato está sempre à procura do Estado” e prevê uma ainda maior fragilização dos sindicatos por causa das quebras eleitorais do PCP e, agora, depois da posição comunista sobre a guerra da Ucrânia. Suspira António Barreto: “Eu gostava tanto de viver num país que tivesse sindicatos mais fortes, patronato mais independente. Acabava com a ideia de que quem tem o voto manda.”



Foto

Lactário de Santa Apolónia, em Lisboa, em 1928, creche que procurava melhorar as condições da primeira infância Fototeca do Palácio Foz

A democracia não se esgota nas eleições, defende Barreto – “Quem ganha as eleições respeita quem perde”. “A democracia não é o poder político a mandar nos outros poderes. Quem ganha as eleições tem o direito de nomear toda a gente para a administração pública”, argumenta o sociólogo, que diz que, se vivêssemos mesmo numa democracia consolidada, isto não se passaria assim.

### **“A cultura paroquial”**

---

Elísio Estanque afirma que é preciso ir buscar à História alguns factores “que mitigam o funcionamento da democracia”. “As características da sociedade portuguesa, o legado histórico, factores de natureza cultural e identitária contribuíram para dificultar o desenvolvimento de uma democracia plena, no sentido das democracias liberais do mundo ocidental”, argumenta Elísio Estanque, dando como exemplo “as democracias anglo-saxónicas, que têm mais arraigada a ideia de iniciativa individual”, ao contrário da sociedade portuguesa.

“As democracias liberais’, como se convencionou chamar, desenvolvem-se mais facilmente em culturas em que existe o sentido da defesa das liberdades e da responsabilidade dos indivíduos” que tende a ser mais forte em outros países do que “na cultura paroquial da sociedade portuguesa”. É evidente que o tempo que durou a ditadura e a falta de investimento na educação durante quase todo o século XX é em parte responsável por essa “cultura paroquial” ainda vigente, conforme a descreve Elísio Estanque. “Os países nórdicos têm uma tradição de investimento na educação e avançaram muito mais cedo do que em Portugal. É claro que a experiência de 48 anos de ditadura contou.”

### **“Sócrates, o período de peste negra”**

---

António Barreto afirma que a democracia teve um período de “peste negra”, exactamente os seis anos em que José Sócrates esteve no poder. “Arrogante, corrupto, absolutamente imoral, sem critérios éticos” – é assim que o sociólogo e colunista do PÚBLICO descreve o

ex-primeiro-ministro que está agora acusado de, nas palavras do juiz de instrução Ivo Rosa, “mercadejar o cargo de primeiro-ministro”.

E, no entanto, o PS – o partido a que presidiu o ex-primeiro-ministro – governa há seis anos e vai governar mais quatro com maioria absoluta. O sucesso eleitoral do partido não foi beliscado, ainda que se mantivessem no poder alguns dos mesmos dirigentes do tempo de Sócrates. Para António Barreto, “esse foi o maior talento de António Costa, ter retirado o partido do processo judicial”. Diz Barreto que “toda a elite de Sócrates está com Costa” e foi possível “branquear toda a elite de Sócrates”. Como é que isto aconteceu, além do “talento” de Costa? “Por má gestão de tudo o que há à direita” e a “total ausência de forças institucionais no país”, responde António Barreto. E argumenta: “O PS nunca foi encostado à parede porque as instituições calaram.” E, para lá da “má gestão” da direita, “a esquerda estava na ‘geringonça’”. E “o facto de terem aparecido bancos ainda mais corruptos do que o Governo Sócrates” contribuiu para diminuir o impacto do processo do ex-primeiro-ministro.

Entre as instituições que neste momento estão frágeis, António Barreto inclui a imprensa mais “dependente da publicidade”. O quarto poder está “muitíssimo mais vulnerável” e António Barreto refere especialmente as televisões: “A dependência económica quer dos canais públicos, quer dos canais privados, é quase total.”

## **A desigualdade ameaça a democracia**

---

Tal como os outros investigadores, também o historiador Miguel Cardina – nascido em 1978, quatro anos depois do 25 de Abril e dois após a aprovação da Constituição e das primeiras eleições legislativas – considera que “em termos de uma leitura formalista de baixa intensidade” a democracia está cumprida. “Há eleições livres, partidos, imprensa livre, separação de poderes.” E nessas questões podemos dizer, segundo Miguel Cardina, que “vivemos numa democracia consolidada”.



Foto

Populares na estação de Santa Apolónia durante o regresso de Mário Soares, depois do exílio em França Getty

Mas o historiador aponta também “debilidades sérias que podem corroer a democracia e que podem corroer o próprio sistema”, impedindo-o de consolidar uma democracia plena. Uma das debilidades que é “evidente” é o “histórico e estruturante *handicap* da sociedade portuguesa que é a desigualdade”. E se o salário mínimo aumentou nos últimos anos, “os salários médios estão em compressão”. E se “uma parte muito grande dos portugueses está dependente do Estado social, porque é isso que lhe garante as condições para uma vida digna”, Miguel Cardina afirma que “corroer esses alicerces do Estado social é uma forma de fazer perigar a democracia”.

E se a desigualdade “é uma ameaça à democracia”, outra ameaça é “a percepção de que há uma confluência entre a esfera da política e dos negócios” e que a democracia “não é para todos da mesma maneira e tem bolsas de privilégio”.

Um outro elemento que na opinião de Miguel Cardina contribui para esse corroer da democracia é “a persistência de um senso comum de raiz racista, misógino e homofóbico” de que Portugal tem várias expressões. “A conjugação desses elementos, se não forem colmatadas com políticas activas, é perigosa para a democracia”, diz Cardina.



Foto

Operação inovadora a doentes com Parkinson no Hospital de São João, no Porto PAULO PIMENTA

A ideia de que “a democracia pode ficar à porta dos locais de trabalho” e de que “a política de habitação deve ser deixada ao mercado” são também, na opinião do historiador – que foi candidato pelo Bloco de Esquerda em Coimbra – entraves à democracia plena. E se os entraves à democracia são pasto para o crescimento dos populismos, Cardina atribui o crescimento eleitoral do Chega e também da Iniciativa Liberal ao “resultado desta tendência deficitária da democracia portuguesa”.

Elísio Estanque, militante do PS, critica também uma característica da sociedade portuguesa que rima com privilégio – o “familismo”. “A questão do ‘familismo’ em Portugal tem muita força”, diz o sociólogo, lembrando o problema da “consanguinidade” no acesso aos privilégios, ainda que vivamos numa república desde 1910, e a “cultura instalada nos partidos de poder”. “A democracia é tanto melhor quanto a imagem que dá de si mesma. E quando os políticos apregoam certos princípios, mas actuam ao contrário

do que apregoam, estão abrir as portas a atitudes anti-sistémicas contra tudo e contra todos”, argumenta o sociólogo, que terminou funções na Universidade de Coimbra e agora rumo ao Brasil. “Faz crescer os populismos.”

Elísio Estanque é muito crítico da “lógica interna” e fechada do PS e do PSD. “Os partidos deixaram de investir na formação dos seus quadros. A actualização em termos ideológicos e em termos de valores éticos não é preocupação da lógica dos aparelhos”, diz o sociólogo, lembrando que “o aparelho rege-se pelo poder, pela lógica de distribuição de cargos”. E dá como exemplo as “jotas”: “Olhemos para a JS e JSD. A leitura que faço é que a grande preocupação é com cargos, muito mais do que com propostas políticas e com o efectivo desenvolvimento da sociedade e da democracia.” Uma ideia em que convergem os três investigadores: “A ideia de que a democracia é apenas os actos eleitorais é limitativa.”